

# Pessoa, na "situação" ou na "oposição"?

Alfredo Margarido

A leitura das opções políticas de Fernando Pessoa depende, hoje mais do que ontem, do confronto entre a «situação» e a «oposição». Semelhante confronto deformou e deforma a leitura política, porque o seu maniqueísmo condena hoje ao inferno a «situação» de ontem, tal como aconteceu à «oposição». Suponho que seria tempo de os historiadores renunciarem à teologia para se limitarem a fazer o seu ofício.

Fernando Pessoa nunca apareceu nas hostes da «oposição» anteriormente aos anos 1950. Até aí Fernando Pessoa fora apenas um poeta genial, tal como a presença o constituía, sendo todavia esta apresentação fortemente contrariada pela carga profético-messiânica da Mensagem. Situação que pede um estudo consagrado à lenta mudança da imagem política de Fernando Pessoa, que sofreu o impacto «positivo» dos poemas ditos anti-salazaristas.

Estes contribuíram para uma das mais belas manifestações políticas consagradas a Fernando Pessoa. No Brasil e no Estado de S. Paulo, Jorge de Sena «provou» que o poeta de «Ode Marítima» era um genuíno «oposicionista», para satisfação de todos os que combatiam a ditadura salazarista. E um comentador levou mais longe o seu zelo, fazendo de Fernando Pessoa um precocíssimo antifascista: já em 1923 tal aconteceria, isto é: num momento em que não havia ainda um movimento antifascista nem na Itália, menos ainda na Europa!

Quais são os elementos fundamentais das opções políticas de Fernando Pessoa? Apoiam-se elas, em primeiro lugar, na concepção de um poder individual e forte, consagrado pela designação popular. Em 1920, Fernando Pessoa dissera a Ofélia Queiroz não ser monárquico, mas antes talassa. Esta distinção é capital, e confirma o teor do texto que, n'O Jornal, consagrara ao sindicato dos monárquicos: estes defendiam a monarquia tradicional e hereditária, o que para Pessoa era inaceitável.

Apoiando-se nas teorias de Thomas Carlyle de 1840, Fernando Pessoa defende, é certo, a necessidade do princípio monárquico, contando que o «rei» fosse designado ou consagrado pelo povo. Os dirigentes políticos, encarregados da gestão das sociedades, não devem depender do princípio tradicional da genealogia, mas da relação carismática estabelecida com a Nação inteira.

É evidente que tanto Carlyle como sobretudo Pessoa pensam em Cromwell, sendo neste caso o poeta convocado a assumir um papel análogo ao que fora desempenhado por John Milton no sistema inglês do século XVII. Co-

mo se sabe, o modelo épico de Pessoa não é Camões, mas Milton, o poeta da revolução inglesa.

Este talassismo de Fernando Pessoa faz dele um legitimista, no sentido que possui este conceito na história política francesa: trata-se dos teóricos que denunciavam os prejuízos acarretados às sociedades europeias pela banalização das ideias e das práticas igualitárias impostas pela Revolução Francesa de 1789. Tal como os legitimistas franceses, Fernando Pessoa quer varrer da face política da Europa as pústulas resultantes desta infame revolução.

Verifica-se todavia neste caso que, contrariamente ao que se diz frequentemente, Fernando Pessoa não depende exclusivamente da lição política inglesa, combinando-a com a dimensão francesa, que o integra na lista fornida dos contra-revolucionários europeus. Repare-se que, ao assumir estas posições, Fernando Pessoa se afasta inclusive dos revolucionários da direita, que não recusavam a contribuição da Revolução de 1789.

Esta leitura da teoria política, que se apoia em elementos da prática política, é reforçada pela classificação das estruturas sociais, quando não das classes sociais. Fernando Pessoa é, como todos os legitimistas, um aristocrata. As sociedades europeias, de que a portuguesa faz parte, embora de maneira nem sempre brilhante são divididas em três estratos: a aristocracia, naturalmente, a burguesia, e o povo.

Os modelos do comportamento e da organização — cultural, social, política — pertencem à aristocracia, sendo constantemente imitados pelos burgueses, incapazes de inventar seja o que for. O povo, esse, não tem direito à palavra, porque destinado apenas ao trabalho. Se a burguesia ainda tem um certo direito à palavra, em contrapartida, o povo deve ocupar-se da única tarefa que lhe incumbe: a de trabalhar sem descanso. Não é o amigo político de Pessoa, o engenheiro Geraldo Coelho de Jesus, que diz que o trabalho que não cansa não presta?

Dentro desta orientação, Fernando Pessoa aparece como um apaixonado defensor dos princípios da «escravatura natural», pois que os escravos nasceram para isso, não podendo a sociedade dispensá-los. Abaixo do povo, embora misturados com o povo, os escravos formam um «quarto» estrato social, que todavia nunca é assim contabilizado.

Convém acrescentar, todavia, que Fernando Pessoa não é o único teórico português a mamar na teta grega de Aristóteles: o notável prócer republicano Bazílio Teles também defende este princípio da «escravatura natural», tendo até redigido um anexo aos princípios da SDN (Sociedade das Nações), para oficializar este princípio fundamental.

A estas escolhas políticas vêm somar-se, necessariamente, as escolhas económicas: Fer-



Gomes da Costa, ou a nova «situação»

nando Pessoa revela-se um liberal apaixonado, querendo que a economia seja confiada a si própria. Tratando-se, como se trata, de um «organismo» constituído como os organismos naturais, animais ou outros, deve este poder evoluir livre de qualquer intervenção do Estado.

Para Fernando Pessoa, toda e qualquer intervenção correctora do Estado é perigosa, dado que destinada a contrariar a evolução natural e normal das operações económicas. Podia dizer-se que se trata do defensor de um «capitalismo selvagem», pois que as empresas que desaparecem na tempestade «natural» da economia, são apenas vítimas das suas fracas possibilidades da luta pela vida, no sentido darwiniano da fórmula.

Não irei gastar muito tempo a pôr em evidência a contradição latente nesta combinação: se Fernando Pessoa defende, no plano político, o homem designado pela Nação — que pode não ser o homem providencial, repare-se bem —, e que deve por isso exercer o poder presidencial, sempre homólogo do poder real, já a economia exige a liberdade total e «natural». O político entra assim em choque directo com o económico.

Na prática, Fernando Pessoa revelou-se sempre um polemista, pelo menos a partir de 1913, tendo-se mostrado um ferocíssimo antiafonista, a ponto de não hesitar em regozijar-se com a fractura do crânio de que foi vítima o Presidente do Conselho. As suas intervenções mostram um caceteiro político, que

nem sempre prima pela elegância do tom.

Em 1919, Fernando Pessoa reforça o seu compromisso com a prática política, criando com outros o pequeno movimento do «Núcleo de Acção Nacional», caracterizado por um sidonismo apaixonado. Este grupo manter-se-á activo pelo menos até 1928, ano em que aparece como o editor do folheto O Interregno.

Ou dito por outras palavras: Fernando Pessoa não foi apenas um teórico da direita, tendo procurado passar a uma acção teórica, que não hesita em provocar os republicanos, como revela a correspondência que, em 1919, comenta os múltiplos acidentes que marcaram a difusão do número 3 do jornal Acção, órgão deste pequeno movimento.

E, em 1927, Fernando Pessoa defende a necessidade da ditadura, tal como já o fizera em 1917, no Ultimatum. Se Fernando Pessoa sublinha as incoerências da situação política, é na esperança de ver aparecer o homem que no povo se reconheça e o povo reconheça. O que acontecerá nesse mesmo ano de 1928, graças ao aparecimento, em Abril, do prof. Oliveira Salazar, que conseguiu impor uma figura carismática, como o próprio Pessoa reconhecerá.

Porque Fernando Pessoa, como revelam tantos e tantos inéditos seus, não só admirou o prof. Salazar, pelo menos até meados de 1935, mas quis ajudá-lo a levar a cabo a «política do espírito», de que era campeão o antigo «futurista» António Ferro. Ao colaborar no jornal do nacional-sindicalismo dirigido por Rolão Preto, Pessoa manifesta a sua perfeita identificação com as teses mais radicais da extrema-direita.

E quando em 1934 envia ao concurso do SPN o manuscrito da Mensagem é para ganhar o prémio, mas também para participar nessa obra de exaltação nacional-fascista. O facto de ter enviado um exemplar da Mensagem a entidades como o prof. Oliveira Salazar, o dr. Júlio Dantas, — não se esqueça que o «Dantas nu é horrível» —, a Academia das Ciências de Lisboa, o conselheiro Fernando de Sousa, o catolicíssimo reaccionário director de A Voz, prova que Pessoa quis integrar-se inteiramente neste espaço.

Se denunciou mais tarde o prof. Salazar, isso não o levou a renunciar à suas teorias da gestão autoritária. Tal é, de resto, o que demonstro no ensaio que, com o título de O Cidadão Fernando Pessoa, vou entregar em breve à Regra do Jogo. Se não ousar dizer que Fernando Pessoa foi um fascista, direi que as suas teses respeitantes ao poder forte e ditatorial, não o colocam muito longe desta esfera política. E se Salazar não repetiu as esperanças de Sidónio Pais, nem por isso Fernando Pessoa deixou de esperar que a salvação nacional viesse do exercício individual e absoluto da autoridade sem partilhas e sem contestações.

**teatro da Cornucópia**

**CICLO STRINDBERG**  
**A ILHA DOS MORTOS**

**PÁSCOA**

Primeiro espectáculo de uma série dedicada ao grande dramaturgo sueco.

no **TEATRO DO BAIRO ALTO**  
R. Tenente Raul Cascais, 1-A  
1200 LISBOA  
Telef.: 66 15 15/66 92 05

**ESTREIA AMANHÃ**  
De 3.ª a sábado às 21.30 h.  
Domingo às 16 h.  
2.ª Feira descanso  
De 3.ª a 5.ª: preços reduzidos  
Descontos para grupos

NA SALA MANUELA PORTO  
e companhia operadora  
**TEATRO FRONTEIRO**  
apresenta  
**NAQUE**  
**O DE PIJOS Y ACTORES**  
de Sanchis Sinisterra  
(Prémio Ariel Carbonell do Festival de Sigüenza 1960)  
2 ÚNICOS DIAS  
Domingo, dia 1, e segunda-feira, dia 2, às 21.30 h.

**O segundo lançamento da Col. LIMIAR DO FUTURO**  
**REINVENTAR O HOMEM — O ROBOT TORNA-SE REALIDADE**  
IGOR ALEKSANDER e PIERS BURNETT

Um livro importante sobre o robot e a inteligência artificial.  
Dois reputados autores — o Prof. Igor Aleksander, especialista em redes neurais não programadas, e Piers Burnett, escritor de temas científicos — apresentam uma obra notável sobre um dos domínios mais espectaculares da ciência e da técnica contemporâneas.

**FERNANDO PESSOA E A FILOSOFIA HERMÉTICA**  
Y. K. CENTENO

Uma faceta pouco conhecida da personalidade de Pessoa: o seu pensamento filosófico-hermético, analisado pela poetisa e investigadora Y. K. Centeno. Uma edição que inclui fragmentos do espólio ainda inédito do poeta — como os textos extraiados de O Caminho da Serpente, Ensaio da Iniciação, A Ordem do Subsolo e A Ordem do Atrio. Inclui também, em fac-símile, manuscritos e folhas dactilografadas pelo próprio Pessoa.

**ARTE**  
DINO FORMAGGIO

A Arte vista sob uma perspectiva histórico-fenomenológica por um consagrado autor contemporâneo. Em análise, os diversos conceitos de Arte, as suas relações com a sociedade, a consciência artística, desde o Paleolítico aos nossos dias.

**EDITORIAL PRESENÇA**  
RUA AUGUSTO GIL, 35-A  
TELEFOS 76 69 12 - 76 30 50 - 1000 LISBOA